

## **Arquivos do telejornalismo: a memória fragmentada dos 65 anos de TV no Brasil<sup>1</sup>**

PORCELLO, Flávio (doutor)<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

IHITZ, Greetchen Ferreira (mestranda)<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

PEIXOTO, Filipe (mestrando)<sup>4</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

### **Resumo**

O presente artigo propõe uma reflexão crítica sobre o descaso em relação à memória da televisão do país. A TV está completando 65 anos no Brasil em 2015 e constata-se com tristeza que os registros desde os tempos mais remotos até os mais atuais são escassos e insuficientes para resgatarmos com precisão a história brasileira deste período. Utilizaremos pressupostos teóricos de autores que dedicam-se aos estudos e pesquisas sobre jornalismo e memória para nos acompanharem nas reflexões aqui propostas sobre o papel social da imprensa e a importância da preservação adequada dos registros históricos. Nosso objeto compara um telejornal exibido há 30 anos na TV, em Porto Alegre, durante a redemocratização com a cobertura das TVs nas eleições em 2014. E a conclusão é de que pouco ou quase nada resta nos arquivos de imagens das emissoras sobre a história política recente do Brasil.

**Palavras-chave:** memória; televisão; telejornalismo; redemocratização; arquivos.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Audiovisual e Visual, integrante do 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015.

<sup>2</sup> Jornalista diplomado, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mestre e Doutor em Comunicação Social pela PUC do Rio Grande do Sul. Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da mesma universidade. E-mail: flavio.porcello@ufrgs.br. Vice-coordenador do Grupo de Pesquisa GPTV.

<sup>3</sup> Jornalista diplomada e Relações Públicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da mesma universidade. Email: fgreetchen@hotmail.com. Integrante do Grupo de Pesquisa GPTV.

<sup>4</sup> Jornalista diplomado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da mesma universidade. E-mail: filipeixoto@gmail.com. Integrante do Grupo de Pesquisa GPTV.

## **Introdução**

A televisão no Brasil completa 65 anos em 2015. Foi pela iniciativa pioneira do jornalista Assis Chateaubriand que entrou no ar em 18 de setembro de 1950 a *TV Tupi Difusora* de São Paulo. Desde os primórdios das transmissões em preto e branco, passando por várias etapas e tecnologias, até a era digital, a TV tem uma trajetória de mais de seis décadas, que pode não parecer muito, mas está fortemente associada aos impactos sociais, econômicos e políticos vividos no país. O critério político foi o responsável pelas concessões de canais de TV distribuídas em grande número no governo do presidente Juscelino Kubitschek (1956-1961) e depois, durante os governos militares pós 1964. A partir de 1967, com a implantação do Ministério das Comunicações, as concessões de licenças passaram a levar em conta os ideais do Conselho de Segurança Nacional, que tinha por objetivo promover o desenvolvimento e a integração nacional. O favorecimento político para as concessões de canais prosseguiu também na Nova República como era chamado o governo José Sarney (1985-1989) que distribuiu em torno de 800 novas concessões de rádio e TV em troca de mais um ano de mandato.

## **A memória da televisão no Brasil e no Rio Grande do Sul**

Considerado um serviço público, o sistema de radiodifusão sempre esteve sobre o controle governamental até que com a promulgação da Constituição Brasileira de 1988, até hoje em vigor, novas normas e diretrizes foram estabelecidas para as concessões de rádio e televisão. Para traçar o desenvolvimento da TV no país, Sérgio Mattos (2000, p. 91) divide o período em seis fases:

- 1) *a fase elitista* (1950-1964), quando o televisor era um luxo ao qual apenas a elite econômica tinha acesso;
- 2) *a fase populista* (1964-1975), quando a televisão era considerada um exemplo de modernidade e programas de auditório e de baixo nível tomavam grande parte da programação;
- 3) *a fase do desenvolvimento tecnológico* (1975-1985), quando as redes de TV se aperfeiçoaram e começaram a produzir, com maior intensidade e profissionalismo, os seus próprios programas, com estímulo de órgãos oficiais, visando, inclusive, a exportação;

- 4) *a fase da transição e expansão internacional* (1985-1990), durante a Nova República, quando se intensificam as exportações de programas;
- 5) *a fase da globalização e da TV paga* (1990-2000), quando o país busca a modernidade a qualquer custo e a televisão se adapta aos novos rumos da redemocratização; e
- 6) *a fase da convergência e da qualidade digital*, que começa no ano 2000, com a tecnologia apontando para uma interatividade cada vez maior dos veículos de comunicação com a Internet e outras tecnologias da informação.

A TV surgiu no Rio Grande do Sul na fase elitista. São 56 anos de história que, em muitas situações, não têm seus registros preservados. Boa parte da memória dos conteúdos que foram produzidos em TV se faz presente nas vivências dos jornalistas e de outros profissionais que atuaram no veículo, principalmente, na sua fase inicial. Para situarmos o período do qual falamos faremos um breve histórico do início da televisão gaúcha. Em 20 de dezembro de 1959 foi ao ar a primeira emissora de televisão no RS. A *TV Piratini*, nasceu da iniciativa de Assis Chateaubriand e fazia parte do conglomerado *Diários Associados*:

[...] o rádio forneceu o primeiro formato da TV Piratini. Os quadros da Rádio Farroupilha desenharam sua programação, os programas de auditório do rádio passaram a ser televisionados, o radiojornalismo foi transplantado (KILPP,2000, p. 28).

A *TV Gaúcha*, segunda emissora no RS, foi inaugurada oficialmente no dia 29 de dezembro de 1962.

Durante três anos, Maurício Sirotsky passou a comandar o projeto de construção da nova televisão no Morro Santa Teresa. Um prédio moderno, projetado pelo engenheiro Rui Tedesco (que também projetou o Estádio Beira-Rio), com três estúdios, o maior dos quais com um auditório de 300 poltronas (SCHIRMER, 2002, p. 39).

Diferentemente da *TV Piratini*, a emissora tinha a característica de apresentar uma programação local e uma organização com objetivo de negócio, o que atraiu muitos empreendedores e profissionais ligados à propaganda. A *TV Difusora* foi a terceira emissora a entrar em operação no estado em 10 de outubro de 1969. Na Festa da Uva de 1972, em Caxias do Sul, a *Difusora* foi primeira a fazer uma transmissão em cores na televisão brasileira. Cinco anos se passaram até a *TV Educativa* entrar no ar, em 29 de março de 1974, fruto de uma parceria com a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Em 10 de março de 1979 foi inaugurada a *TV Guaíba*, da empresa de

comunicação Caldas Júnior, dona do *Jornal Correio do Povo*. Pouco mais de um ano depois, em 14 de julho de 1980 entrou no ar da *TV Pampa*, pertencente à Rede Pampa de Comunicação do empresário Otávio Dumit Gadret. Depois de um começo promissor, cinco das emissoras que tinham como objetivo uma programação totalmente voltada para o público local, tiveram que integrar redes nacionais como forma de sobrevivência. A *TV Piratini* não resistiu e em 1980 saiu do ar e a concessão passou para o empresário Silvio Santos, do *SBT*. A *TV Gaúcha*, afiliada da Rede Globo desde 1967, passou a se chamar *RBS TV* em 1979. Considerada a maior rede regional de TV do país, possui 18 emissoras distribuídas no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. A *TV Difusora*, comprada pelo Grupo Bandeirantes, se transformou na *Bandeirantes RS*. Sobre as outras emissoras Finger (2009) diz:

*A TV Guaíba [...] foi vendida junto com os demais veículos da Caldas Júnior para a Rede Record. A TV Pampa já se filiou à Rede Manchete, depois ao SBT, ainda à Rede Record e agora, com mais quatro emissoras no interior do estado, transformou-se em Rede Pampa, afiliada da Rede TV. Por fim, a TVE-RS, mais do que pública, é uma emissora estatal, dependente das verbas e da boa vontade dos sucessivos Governos Estaduais para a sua manutenção econômica e, ao longo dos anos, ocupa os vazios de produção com a transmissão de programas da TV Cultura de São Paulo e da TV Educativa do Rio de Janeiro (FINGER, 2009).*

A recuperação da memória dessas emissoras de televisão no RS carece da existência de registros físicos ou da catalogação dos mesmos. Quando falamos em TV, falamos em imagens e as primeiras que foram produzidas não foram gravadas pelas emissoras, de acordo com Kilpp (2000, p. 19):

*Já as imagens pré-gravadas que colocaram no ar, especialmente nos telejornais e produzidas por cinegrafistas em bitolas e sistemas diferentes dos hoje utilizados, não foram acervadas, ou adequadamente acervadas, e nem são a imagem da TV (ou do telejornal como ele apareceu no vídeo), mas parte dela. E o registro de ambientes e cenários foi feito muito pouco em fotografias, o que teria sido uma alternativa à falta de imagens em movimento.*

A memória visual desse período está perdida. O que resta são fragmentos dos registros feitos pelas emissoras. Seja pelas mudanças tecnológicas, seja pela má conservação, o que resta são algumas fotos, raríssimas imagens televisivas e escassas lembranças na memória de quem viveu este período.

## Os registros apagados de um telejornal inovador

A preservação dos acervos é uma questão inquietante para a reconstrução dos processos históricos dos meios de comunicação. E, infelizmente, podemos constatar que, em muitos casos, os registros se perderam no tempo. Um exemplo é o *Jornal Meridional*, iniciativa que começou a ser estruturada em 1986, um telejornal que atingia apenas Porto Alegre e algumas poucas cidades do interior gaúcho (PORCELLO, 2014). É importante lembrar que, naquela época, o Brasil experimentava o primeiro governo civil depois do golpe militar (embora alinhado com os militares, José Sarney era civil e fora eleito como vice de Tancredo Neves pelo Congresso Nacional em 1984) e a imprensa, em geral, ainda mantinha um tom conservador. O *Jornal Meridional* inovou na linguagem e deu lugar às manifestações legítimas que a sociedade civil exigia. A imprensa (especialmente a TV) e seus anunciantes tinham postura conservadora diante dos movimentos sociais que surgiam (PT, CUT, MST) e estes temas eram assunto no telejornal. O mercado estava eufórico, pois o Plano Cruzado do governo Sarney aparentemente vencera a inflação e sinalizava para um aumento no consumo de bens e produtos. Era um bom momento para aquecer a economia e como a fase de redemocratização do país abria espaço para novas iniciativas, o jornalismo poderia ser um fator de expansão da *Rede Pampa de Comunicação*. Foi trazido da Capital Federal o jornalista Paulo Martimbianco, com larga experiência profissional nas emissoras da *TV Globo*, em São Paulo e em Brasília. Ele formou uma equipe de quase 50 profissionais mesclando juventude e experiência. A viabilização econômica do jornal se dava pelo patrocínio exclusivo do Banco Meridional do Brasil, que sucedera os antigos Banco da Província e que depois virou Banco Sul-Brasileiro. O *Jornal Meridional* ia ao ar de segunda-feira a sábado logo depois da apresentação de *Dona Beja* (protagonizada por Maitê Proença), telenovela de muito sucesso na Rede Manchete, da qual a *TV Pampa* era afiliada no Rio Grande do Sul. A estreia se deu às 22h30min da noite de 12 de maio de 1986, uma segunda-feira. A primeira edição teve 27 minutos de produção, divididos em quatro blocos, totalizando 36 minutos de programa, incluindo os comerciais. Os apresentadores eram os jornalistas Cláudia Nocchi e Flávio Porcello. Ao recuperar a história do telejornal, a publicação mensal do Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul em sua edição de março de 2003 entrevistou a editora e apresentadora Cláudia Nocchi que definiu:

O *Jornal Meridional* fugia do padrão dos telejornais da época porque além de coberturas jornalísticas diferenciadas, era altamente opinativo. Os comentaristas, que se revezavam no estúdio, eram especialistas em sua área de atuação, tinham e emitiam opiniões baseadas no conhecimento. Frequentemente defendiam posições e acrescentavam outros pontos de vista, permitindo ao telespectador formar a sua própria opinião, depois de ouvir os vários ângulos da notícia (PASTORE, 2003, p. 15).

A boa acolhida que o projeto de um jornalismo criativo e inovador teve junto ao público parecia indicar um futuro promissor, mas o *Jornal Meridional* não teve vida longa. Deve-se considerar o contexto econômico em que se deu o fim do projeto. A crise que parecia superada na euforia do governo Sarney voltou com força ainda maior na virada do ano de 1986 para 1987. Mas não foi apenas por questões econômicas que o jornal foi tirado do ar. Houve fortes razões políticas para que isso tivesse acontecido. O ano de 1987 foi marcado pela maior greve de professores estaduais que começou em março de forma quase simultânea com o governo Pedro Simon, que havia sido ministro da Agricultura de Sarney, que também foi eleito governador nos ventos de euforia do Plano Cruzado e que também começava o mandato naquele mês. A paralisação durou 96 dias e, ao contrário das outras emissoras, todas alinhadas ao governo do Estado, o *Jornal Meridional* dava voz aos professores na palavra do presidente do Centro de Professores (CPERS) Paulo Egon Wiederker. O governo reclamou e foi convidado (já havia sido antes) a dar sua versão dos fatos. O próprio governador participou de uma entrevista ao vivo e a direção do programa decidiu ampliar o espaço daquela edição, já que Simon queixava-se de ser censurado e perseguido pelos jornalistas. Terminado o programa, ele subiu à sala da direção da emissora e ficou reunido com o presidente da Rede Pampa de Comunicação, Otávio Dumit Gadret, a quem repetiu as queixas sobre o telejornal e sua equipe de jornalistas. Dias depois, o patrocínio do Banco Meridional foi retirado e o telejornal foi tirado do ar com a demissão de todos os jornalistas e técnicos, com exceção de dois que tinham imunidade por exercerem mandato de delegado sindical: Alfredo Vizeu Pereira Junior (jornalista) e Néia Castro (radialista). Assim, encerrou-se no dia 30 de junho de 1987 uma breve, porém consistente experiência de fazer jornalismo em tempos de redemocratização. Há poucos registros em textos ou fotos desta experiência e não foi possível localizar imagens gravadas de sua exibição. As fitas de vídeo-tape que poderiam reservar alguns registros eram do sistema u-matic

que logo foi substituído por outras gerações de vídeos ainda no plano analógico. Hoje, mesmo que localizadas, dificilmente seriam reproduzidas pela ação do tempo sobre o magnetismo das fitas de VT da época.

### **A questão dos arquivos televisivos**

Nas pesquisas realizadas sobre a narrativa dos telejornais regionais enquanto representação do espaço local Musse e Rodrigues (2012, p.15) consideram que “a televisão é fundamental na constituição do imaginário urbano, sendo forte responsável pela construção dos laços de pertencimento entre os seres humanos e os espaços por eles ocupados”. E para resgatar a forma como Juiz de Fora (MG) foi mostrada pela televisão local, os pesquisadores procuraram recuperar o passado, através dos relatos de jornalistas e radialistas que trabalharam nos veículos de comunicação audiovisual da cidade:

O recurso à utilização da história oral como metodologia para a apreensão de um passado fugidio parece ser cada vez mais reconhecido pelas instâncias acadêmicas. Seria quase que impossível recuperar a história recente da televisão brasileira se não fosse pelos depoimentos de velhos jornalistas e radialistas que conseguem, através da memória, redesenhar o espírito de uma época (MUSSE, 2013, p. 107).

Para entendermos como se deram os processos dentro das emissoras gaúchas optamos pelo recurso da recuperação pela história oral como suporte teórico para este artigo. Trazemos o relato de dois profissionais que constituem a memória viva de duas emissoras: *TV Bandeirantes* e *RBS TV*. Vera Müller<sup>5</sup> é uma das profissionais que teve mais contato com a memória guardada nos arquivos de três televisões do Rio Grande do Sul. Formada em filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, trabalhou como arquivista na *TV Difusora* de 1973 a 1979; na *TV Guaíba* de 1979 a 1984 e na *RBS TV* de 1985 até 2013. Nessa última emissora exerceu a função de chefe do arquivo por 25 anos: “quando entrei na TV os arquivos eram divididos. Existia o arquivo do telejornalismo e esporte e o arquivo da produção, um em cada andar. Eles foram reunificados em 1992”, diz (MÜLLER, 2015).

---

<sup>5</sup> Entrevista concedida à Gretchen Ferreira Ihitz, em Porto Alegre, 2 abr. 2015.

Para obter um breve panorama de como se deram as trocas de sistema com a evolução tecnológica da televisão e como essas mudanças influenciam até hoje a questão da memória, mostraremos a ordem cronológica o processo tecnológico. Da inauguração em 1962 até 1979 a RBS TV operava com o filme. De 1979 a 1981 se deu a transição para a fita u-matic; a fita beta começou a ser usada em 1992 e em março de 2013 o Sistema de Redação Digital entrou em operação, onde as câmeras captam as imagens e sons em cartão digital. Depois do material gravado, o que é exibido é arquivado em disco magnético. Com todas essas mudanças muitos registros jornalísticos se perderam no que diz respeito à conservação da memória. Müller conta que existem no arquivo atual cerca de 8.800 caixas de filme, cada uma delas com 6 a 8 filmes armazenados. Desse total, pouco mais de 1.600 caixas foram convertidas para fita beta. Um processo considerado caro pela empresa que deu início à conversão mandando parte do material para São Paulo, mas suspendeu o processo em virtude dos altos custos. Ou seja, a memória do início da televisão no estado está apagada. A catalogação feita em fichas manuais permanece em um fichário antigo, mas só identifica, em alguns casos, o programa, o título da matéria e a data. Não há descrição do material que está nas latas de filme. E nem sabe-se também se está em condições de ser recuperado. Uma parte da catalogação das fitas u-matic está em pastas que possuem fichas microfilmadas. Essas pastas nunca tiveram a catalogação passada para o computador, em virtude do quadro reduzido de funcionários. Quem deseja pesquisar conteúdos referentes a uma parte do acervo em fitas u-matic, precisa pedir acesso a essas pastas. Depois do filme e da fase inicial da fita u-matic, a catalogação deixou de ser realizada em fichas e passou para o sistema informatizado modelo IBM, instalado em 1982. No sistema de computador, a data de exibição das matérias e a decupagem do material eram lançadas pelos arquivistas e os jornalistas da TV tinham como pesquisar os assuntos com mais rapidez. O sistema IBM durou até meados de 1995 quando a *RBS TV* passou a adotar o RI (sistema de recuperação de informações) nos computadores da redação. O sistema, usado até hoje, não é totalmente confiável. Vera Müller relembra que em certa ocasião ao procurar as imagens da morte de Maurício Sirotsky (1986), das quais ela lembrava a data, o sistema acusou outro ano. Dessa maneira, ela percebeu que na migração das informações do IBM para o RI, o sistema automaticamente trocou algumas datas que haviam sido lançadas. Quantas não se sabe, por isso, ela sempre aconselhava os

jornalistas a conferirem os arquivos de jornal impresso ou mesmo as informações da internet quando procuravam determinado conteúdo que não achavam na pesquisa ou que tinham dúvida em relação à data. A ex-chefe do arquivo da *RBS TV* lamenta a falta de espaço que o arquivo tinha dentro da emissora e as consequências disso. Quando o conteúdo das fitas u-matic foi copiado para o sistema beta, as originais foram todas incineradas com a alegação de falta de espaço físico. Por isso, apesar de já ter deixado a empresa, uma grande preocupação de Vera Müller são as caixas de filmes:

Um diretor da engenharia queria retirar todo esse material de dentro do arquivo e eu fui contra. Briguei e consegui que deixassem lá, não sei onde e de que jeito iriam guardar esse material. Mas, infelizmente, não sei por quanto tempo isso será conservado. Aquele arquivo era o “meu” arquivo (MÜLLER, 2015).

Müller destaca a preocupação com a memória da TV por parte do ex-diretor de Jornalismo Raul Costa Júnior. Foi ele o responsável pela conversão para a fita beta das 1.600 latas de filme, citadas anteriormente, e pela compra, em 2001, do arquivo de imagens da empresa de cinejornalismo *Leopoldis Som*, que estava armazenado em más condições no Museu do Trabalho, em Porto Alegre. O arquivo é rico em imagens históricas da capital gaúcha no período anterior a 1962. Quando falamos em memória através dos relatos dos profissionais é importante destacar o que é pontuado por Ana Paula Goulart Ribeiro (2006, p. 183):

A memória se constitui sempre num campo de disputa, de luta e negociações pelos sentidos do passado. Lembrar – como já nos ensinou Michel Pollak – é sempre selecionar (esquecer ou silenciar) e enquadrar. É sempre um trabalho que consiste em privilegiar acontecimentos, datas, personagens, dentro de determinada perspectiva. A memória pressupõe um verdadeiro trabalho de organização e, portanto, a ação dos sujeitos que lembram (RIBEIRO, 2006, p. 183).

Sérgio Giugno<sup>6</sup> guarda na memória muito da história da TV no RS. O jornalista trabalha há 46 anos na *TV Bandeirantes RS*, onde é o funcionário mais antigo e ocupa hoje o cargo de gerente de transmissão. Ele conta que dos filmes que foram usados nos primeiros cinco anos da TV, ainda existem registros visuais, mas o material não está catalogado. Como as películas não estão armazenadas em salas apropriadas para garantir a conservação, boa parte do arquivo pode ter sido perdida.

---

<sup>6</sup> Entrevista concedida a Filipe Peixoto, em Porto Alegre, 6 abr. 2015.

Sinceramente, pelo que eu conheço da situação, se a gente conseguisse recuperar de 20% a 30% já seria uma grande coisa. O quadruplex, que foi o primeiro formato de videotape usado no Brasil, era difícil de se fazer arquivo, embora a *Rede Globo* tenha, a *TV Cultura* tenha um arquivo muito bom, a *Bandeirantes São Paulo* também tem um acervo em quadruplex. Mas nós aqui não ficamos com um acervo, porque as fitas que tinham em quadruplex, como chegou uma época em que não tínhamos mais máquinas para reproduzi-las, teve um diretor técnico aqui que resolveu: “não vale a pena guardar isso”. Já o arquivo de u-matic a gente tem, mas pouca coisa e ainda teria que ser decupado. (GIUGNO, 2015).

Na fase inicial da TV era mais complicado e oneroso preservar os arquivos. Como não havia muito material, às vezes, os profissionais tinham que apagar a fita onde estavam os arquivos anteriores para gravar novas imagens. Na época – início da década de 1980 - a *TV Difusora* enfrentou uma grave crise financeira quando foi comprada pela *TV Bandeirantes*. A preocupação era com a sobrevivência e nem tanto com a conservação da memória da emissora. Mas, mesmo antes da crise, essa preocupação parecia não existir. Sérgio Giugno relembra um momento marcante da carreira quando participou, como cinegrafista, de três reportagens. As matérias que tiveram grande repercussão foram exibidas no programa de variedades *A Grande Noite*, que ia ao ar nas noites de sábado, na década de 70. Uma delas acompanhou uma cirurgia de coração, de troca da válvula mitral. A equipe de reportagem ficou durante doze horas na sala de cirurgia, isso com um equipamento considerado enorme, se comparado com o que é utilizado atualmente. A lente da câmera de Giugno captou os momentos impressionantes que nunca haviam sido mostrados na televisão gaúcha, “quando fechei o foco da câmera no coração, o médico deu o choque e o coração começou a bater. A câmera abriu e apareceu ele pulando, “tum-tum”. Me arrepiou de lembrar” (GIUGNO, 2015). O jornalista recorda, ainda, que acompanhou uma cesariana na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, que foi exibida na véspera de um Dia das Mães, e uma cirurgia em uma criança com cianose, conhecida como doença azul, em que foi usada uma técnica com hipotermia, que baixava a temperatura do paciente para realizar o procedimento. As três reportagens foram muito elogiadas pelo público e ganharam o Prêmio da Associação Riograndense de Imprensa. A data da exibição é imprecisa, já que não existe a decupagem do material e, provavelmente, nem o filme. Sérgio acredita que tenha sido em 1975 ou 1976. Outra imagem marcante na vida profissional de

Giugno vem do início da década de 80. Durante a transmissão ao vivo do programa esportivo *Jogo Aberto*, o então presidente do Sport Club Internacional José Asmuz se irritou com um integrante da direção do clube, Gilberto Medeiros. Durante uma discussão na mesa redonda da qual eles participavam, o presidente Asmuz se levantou, caminhou até Medeiros e lhe desferiu um soco no rosto. Tudo no ar já que o programa era ao vivo. Torcedores do Internacional foram para sede da emissora, bem como a Brigada Militar, que isolou a área para evitar que aumentasse a confusão. Mas toda essa cena que marcou o jornalismo esportivo gaúcho não existe mais no arquivo de imagens da emissora, assim como outras tantas que contam a história da televisão no estado.

As pessoas não se davam conta de que estavam produzindo memória. As mudanças tecnológicas foram muito rápidas na televisão: filme, videotape, o colorido, a edição eletrônica, satélite, telefone celular, mochilink. E, muitas vezes, no meio do caminho, as coisas e os fatos se perdem. Nós somos brasileiros e brasileiros não tem memória, sempre foi assim. Então aqui não havia muita preocupação em fazer arquivos, é a índole dos brasileiros (GIUGNO, 2015).

Um dos motivos para a perda do referencial é a ausência de um arquivista na emissora, função que só existiu durante os anos 70. Na *Band RS* não existe um setor específico para o arquivo. Em dois armários estão as fitas e as pastas onde ficam guardadas as laudas das reportagens que identificam o material de um período que vai de 2006 a 2013. A partir de 2014, as imagens ficam no HD externo e em um servidor. Assim como aconteceu e acontece na *TV Bandeirantes*, vimos que uma grande parte da memória também se perdeu na *RBS TV*. São informações riquíssimas e imagens valiosas de um passado que não será visto, recontado. Uma parte da história da comunicação que vai ficar perdida em latas de filme, gavetas ou, até mesmo, já foi incinerada.

### **A preservação da história na TV da contemporaneidade**

Discorreremos neste artigo sobre a memória mais recente e, também, de períodos mais remotos na trajetória de 65 anos de televisão no Brasil. No entanto, ao trazermos o assunto para os dias atuais, uma nova inquietação é despertada: o que fica arquivado das coberturas jornalísticas contemporâneas? O questionamento nos leva a uma nova reflexão. Seguindo a perspectiva de Mattos (2000), que divide em seis fases o desenvolvimento da TV no país, estaríamos na fase da convergência e da qualidade digital. A era digital trouxe uma série de desafios para as empresas de comunicação e os

profissionais que trabalham nessas empresas (MATTOS, 2013). Compra de equipamentos com tecnologia muito avançada, a questão da velocidade, da interatividade com outras mídias, os novos processos que se estabeleceram em função desse modelo de negócio e que influenciam diretamente o fazer jornalístico num momento de convergência de mídias. Nesse mundo tão veloz e que, muitas vezes, atropela as rotinas dentro das redações, cada vez menos se tem espaço para pensar na preservação da memória. O que importa é o conteúdo que tem que ir ao ar hoje. Normalmente o que acontece é o pedido de arquivamento das matérias diárias que foram exibidas nos telejornais. Seleção de trechos maiores ou arquivamento de brutas é difícil, a menos que parta da iniciativa de um jornalista mais preocupado. Mas, como se preocupar com o amanhã quando quase nem se tem tempo para dar conta do hoje? Novos tempos e jornalistas nas redações com um volume de trabalho crescente, que tem cada vez menos colegas nas redações em virtude dos cortes. Além dessas dificuldades inerentes às novas rotinas, a limitação do espaço físico é um entrave para o armazenamento da memória das emissoras de TV. Mesmo com as imagens em HD sendo arquivadas em discos que ocupam menor espaço físico se comparados a uma fita beta de 60 minutos ou sendo deixadas em um servidor que tem capacidade limitada. Sendo assim, ainda hoje, muito do que é captado pelas lentes das câmeras e poderia ganhar maior importância histórica com o passar do tempo, fica apenas na memória do repórter, cinegrafista ou do editor. Um exemplo pode ser um olhar sobre a cobertura das eleições em 2014 na *RBS TV* e na *TV Bandeirantes RS*.<sup>7</sup>

Na *RBS TV* não existem as imagens brutas da eleição que elegeu presidente da República, governador, senador e deputados estaduais e federais. Apenas as íntegras dos programas *Jornal do Almoço* (dos dias 6 e 27 de outubro) e do programa *Teledomingo* do dia 5 de outubro (1º turno) e 26 de outubro (2º turno). Vamos nos deter aqui no *Teledomingo*, o programa que abordou o primeiro turno teve 30 minutos de produção, com um total de oito matérias relacionadas à eleição, mais comentários e telas de gráficos com os números do pleito, totalizando 20 minutos. Os outros dez minutos foram preenchidos com notícias do esporte e uma nota coberta sobre um acidente. No

---

<sup>7</sup> Dois co-autores deste artigo atuaram profissionalmente nas eleições de 2014: Filipe Peixoto como repórter nacional da *Rede Bandeirantes* e Greetchen Ferreira Ihitz como editora do programa *Teledomingo* da *RBS TV*, e trazem suas experiências profissionais para o tema aqui proposto.

segundo turno, o *Teledomingo* teve 34 minutos de produção, exibiu um total de nove matérias sobre a eleição, mais comentários e telas de gráficos com resultados, totalizando uma média de 24 minutos. Os outros dez minutos foram dados para notícias de esporte, eleição no Uruguai e o treinamento dos militares gaúchos que participariam da missão de paz das Nações Unidas no Haiti.

Na *TV Bandeirantes RS* o primeiro turno das eleições possui 20 minutos e 30 segundos de material arquivado que corresponde a reportagens, flashes que entraram durante a programação de domingo e um copião com as melhores imagens do dia. Na cobertura do dia 26 de outubro a emissora teve seis flashes ao longo da programação, com cerca de um minuto cada e quatro programas no fim da tarde de meia hora cada um. Além disso, houve uma entrada ao vivo em rede nacional no momento do voto da presidente Dilma Rousseff e outra entrada ao vivo para rede no momento da coletiva do governador eleito do RS José Ivo Sartori. No total foi arquivada 1 hora, 12 minutos e 30 segundos de material sobre o segundo turno que foi distribuído da seguinte maneira: 15 minutos e 22 segundos de reportagens e stand ups; 57 minutos e 08 segundos de brutas com o café da manhã e o voto da presidente Dilma Rousseff, o voto do então governador Tarso Genro e imagens do candidato à presidência Aécio Neves. Numa das disputas eleitorais mais acirradas do período democrático no Brasil, o material que se tem nas duas emissoras arquivado chega a pouco mais de duas horas. Levando em consideração a falta de profissionais, de espaço nos arquivos ou a quase inexistência deles, o que pensar sobre o destino dos próximos acontecimentos que marcarão a história da cidade, do estado ou do país?

O professor Antônio Brasil (2001) da Universidade Federal de Santa Catarina insiste em defender em suas publicações e trabalhos acadêmicos que os arquivos dos telejornais brasileiros devem ser preservados e disponibilizados para pesquisas e consultas públicas. É uma forma de registrar para o futuro o que TV mostrou no passado.

Mas a perspectiva de solução não é das mais animadoras. E o que é pior: não afeta só a memória da televisão. O mais antigo museu de comunicação do Brasil - Museu Hipólito José da Costa, fundado em 10 de setembro de 1974 - está instalado no prédio onde funcionou o Jornal *A Federação*, histórica publicação gaúcha, mas com o acervo totalmente comprometido por problemas de má conservação. É mais um

exemplo de que só o esforço individual das pessoas garante a preservação da memória. Há 20 anos o servidor público Carlos Roberto Saraiva da Costa Leite, o Beto, zela pela manutenção e conservação do acervo que guarda a memória da imprensa gaúcha: “O museu foi minha universidade. Eu não consigo viver longe dessa história toda” (Costa Leite *in* Versão dos Jornalistas, 2015).

É por ações de pessoas como Beto Costa Leite, Sérgio Giugno e Vera Müller que a memória buscada nos registros da época ainda não foi totalmente apagada. Esses exemplos devem ecoar como gritos de alerta que precisam ser ouvidos pela sociedade.

### **Considerações finais**

No ano em que a televisão completa 65 anos no Brasil, é muito preocupante constatar que uma parte do material que conta a história da sociedade brasileira neste período tenha se deteriorado ou apagado por má conservação ou desleixo. A partir dos relatos de dois profissionais que trabalharam na *RBS TV* e *TV Bandeirantes RS* tivemos acesso à maneira pela qual são geridas as questões de preservação da memória nos veículos de comunicação. Ou seria melhor dizer a maneira com que são ignoradas? Afinal, muito do que foi noticiado se perdeu em latas de filmes colocadas em salas sem climatização ou mesmo no reuso desses filmes ou fitas. A ausência das descrições do material do arquivo, um processo fundamental para entender o que está armazenado e a falta de profissionais para fazer esse trabalho evidencia o precário processo que se desenvolveu através de décadas no Rio Grande do Sul. A maneira pela qual se estabelece o processo produtivo dentro das empresas de comunicação, e a velocidade com que o mundo tecnológico se desenvolve, nos leva a duas questões: ou daqui em diante as televisões seguirão ignorando o presente que um dia virá a ser passado ou algum novo dispositivo será criado para permitir o armazenamento dos arquivos, sem riscos da sua deterioração. De qualquer maneira, temos um vácuo entre o ontem e o hoje que as pesquisas acadêmicas em relação à memória podem ajudar a resgatar, antes que os profissionais e suas histórias ricas em informações acabem por desaparecer, assim como grande parte das imagens televisivas.

A contribuição do presente artigo é justamente a de refletir sobre esse descaso em relação à memória televisual da televisão que há seis décadas e meia ajuda a fazer e contar a história do Brasil. O que acontece nas emissoras gaúchas por certo repete-se

nos demais estados do país. O que a TV contou e mostrou só resta agora nas lembranças de quem viu e ouviu. O nosso papel como pesquisadores em telejornalismo deve ser o de fazer o alerta: levantar essas questões, propor alternativas, liderar processos e apontar soluções para que a memória que o jornalismo ajuda a criar seja preservada e mantida em condições favoráveis para a reprodução e a consulta de dados. O jornalismo é produtor de memória e nosso papel social como pesquisadores desta área é provocar a inquietação em todos os setores da sociedade para que as lembranças e registros audiovisuais do passado nos ajudem a construir o futuro.

### Referências

BRASIL, Antônio. **Pelo acesso livre e irrestrito aos arquivos dos telejornais brasileiros**. Trabalho apresentado no 9º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) de 03 a 05 de novembro de 2011, no Rio de Janeiro (RJ). Disponível em: <[http://www.sbpjor.org.br/sbpjor/?page\\_id=11281](http://www.sbpjor.org.br/sbpjor/?page_id=11281)>. Acesso em: 15 abr. 2015.

FINGER, Cristiane. **Os 50 Anos de História da Televisão no Rio Grande do Sul**. Disponível em:< <http://www.rua.ufscar.br/os-50-anos-de-historia-da-televisao-no-rio-grande-do-sul>>. Acesso em: 26 mar. 2014.

KILPP, Suzana. **Apontamos para uma história da televisão no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Unisinos, 2000.

MATTOS, Sérgio. **A revolução digital e os desafios da comunicação**. Cruz das Almas/BA:UFRB, 2013.

\_\_\_\_\_. **A Televisão no Brasil: 50 anos de história (1950-2000)**. Salvador: PAS-Edições Ianamá, 2000.

MUSSE, Christina Ferraz. **Telejornalismo e memória: narrando a cidade pelas histórias de vida**. Disponível em: <<http://www.alaic.net/revistaalaic/index.php/alaic/article/view/392/221>>. Acesso em: 06 abr. 2015.

MUSSE, Christina Ferraz; RODRIGUES, Cristiano José. **Memórias possíveis: personagens da televisão em Juiz de Fora**. São Paulo: Nankin; Juiz de Fora: Funalfa, 2012.

PASTORE, Stella. **O Jornal Meridional era jornalismo puro**. Versão dos Jornalistas, Porto Alegre, mar. 2003. p.15.

PORCELLO, Flávio. **Jornal Meridional: exemplo de telejornalismo inovador e criativo**



na redemocratização do Brasil. In: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Fabico. Grupo de Pesquisa em História da Comunicação (orgs.). **Comunicação e Redemocratização no Rio Grande do Sul**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 59-80.

RBS TV. **História da RBS TV**. 2014. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/rs/rbstvrs/noticia/2011/12/historia.html>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Velhos jornalistas: memória, velhice e identidade profissional. In: FREIRE FILHO, João; VAZ, Paulo (orgs.). **Construções do tempo e do outro: representações e discursos midiáticos sobre a alteridade**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006. p. 181-206.

SCHIRMER, Lauro. **RBS: da voz-do-poste à multimídia**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

TVE. **Nossa história**. 2011. Disponível em: <http://www.fcp.rs.gov.br/?model=conteudo&menu=144>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

VERSÃO DOS JORNALISTAS. **A história da comunicação em perigo**. Porto Alegre, abr. 2015. p. 4-5.